



IDENTIDADE EM CONSTRUÇÃO (?): REFLEXÕES ACERCA DA GLOBALIZAÇÃO*

IDENTITY UNDER CONSTRUCTION (?): REFLECTIONS ON GLOBALIZATION

Cláudia Fuchs¹
Jenerton Arlan Schütz²

Resumo: O presente trabalho, tematiza a constituição da identidade dos indivíduos no mundo globalizado. A partir de revisão bibliográfica, a pesquisa objetiva apresentar as influências e, do mesmo modo, as consequências da globalização para a construção da identidade dos indivíduos neste mundo atomizado, fragmentado e que busca anular os indivíduos frente às novas possibilidades, ou seja, busca a necessidade de uma homogeneização, fragmentação e esfacelamento da cultura e das diferenças em prol de um mundo que se constitui globalmente. Esse mundo globalmente constituído parece não ser percebido, ou tem um sentido muito adverso daquele sentido herdado e construído pelas gerações passadas. Dessa forma, faz-se necessário buscarmos a reflexão sobre o tempo presente (mundo globalizado) e suas influências para com a construção da identidade por aqueles que serão responsáveis pela continuação das tradições, ou seja, uma espécie de elo entre as gerações passadas e vindouras.

Palavras-chave: Globalização. Identidade. Juventude.

Abstract: The present work, thematizes the constitution of the identity of individuals in the globalized world. Based on a bibliographical review, the research aims to present the influences and, likewise, the consequences of globalization for the construction of the identity of individuals in this atomized, fragmented world that seeks to annul individuals in the face of new possibilities, that is, the need for homogenization, fragmentation and fragmentation of culture and differences in favor of a globally constituted world. This globally constituted world seems not to be perceived, or has a very adverse sense of that sense inherited and constructed by past generations. In this way, it is necessary to seek reflection on the present time (globalized world) and its influences on the construction of identity by those who will be responsible for the continuation of the traditions, that is, a kind of link between the generations to come.

Keywords: Globalization. Identity. Youth.

* O artigo foi aprovado para publicação com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

¹ Pós-Graduada em Gestão Escolar (Uniasselvi), Graduada em Pedagogia (Centro Universitário FAI), Professora da Rede Municipal de Ensino de Ijuí/RS. Contato: claudia_fr17@hotmail.com

² Doutorando em Educação nas Ciências (UNIJUI), Mestre em Educação nas Ciências (UNIJUI), Especialista em Metodologia de Ensino de História pela Uniasselvi e Licenciado em História e Sociologia pela mesma Instituição. Bolsista CAPES. Contato: jenerton.xitz@hotmail.com



INTRODUÇÃO

A identidade e/ou a construção da identidade tornou-se nas últimas décadas alvo de pesquisas, não apenas no campo da Sociologia, mas também, no campo da Psicologia, Antropologia, História ou ainda no campo da Educação. A extensão da globalização, da divisão internacional do trabalho, da massificação da comunicação, da cultura de consumo, do distanciamento familiar em relação à criação dos filhos, de um novo significado religioso, sexual, da extensão das comunicações *on-line* e *off-line*, entre outros, despertam cada vez mais os interesses em estudos sobre os impactos desses elementos na sociedade e na construção do eu, ou seja, da identidade.

Desse modo, os estudos realizados sobre identidades individuais ou coletivas estão diretamente relacionados com a expansão do sistema capitalista e as transformações dos espaços comunitários/regionais.

A identidade é fundamental na formação humana, seja ela cultural, social ou subjetiva. Saber das suas raízes, quais são seus antepassados e sua origem, é de longe um dos grandes desejos de homens e mulheres cada vez mais cosmopolitas. Esse tipo de identidade, baseado na pertença familiar ou grupal, direciona-se para aquilo que segundo Giddens (2002) chama de segurança ontológica. Segundo essa perspectiva, o indivíduo com raiz identitária, propriamente familiar, teria mais segurança ao tomar suas decisões baseadas em modelos já vivenciados por membros do grupo e/ou experiências.

Assim, há uma série de elementos possíveis para entendermos como esse Eu (identidade) se forma ou constitui. Poderíamos apontar aqui, a família, a igreja, a sexualidade, a escola, as tradições, o trabalho, entre outros espaços possíveis que contribuem para a formação do eu identitário. Contudo, nesse contexto globalizante, mostra-se necessário compreender como a formação da identidade se (de)compõe em um mundo com características líquidas, fragmentárias e homogeneizantes.



GLOBALIZAÇÃO E (CONSTRUÇÃO DA) IDENTIDADE

Com a globalização, nota-se a presença de um processo que busca fragmentar e homogeneizar o mundo, por isso, Bauman (1999) considera que a globalização é um processo irreversível e, quem sabe, irresistível, gostando ou não, ela é a Nova Ordem Mundial que está na pauta contemporânea.

Contudo, é fundamental entendermos o que se compreende por globalização. Desse modo, na perspectiva baumaniana, a globalização está na ordem do dia, ela é

[...] uma palavra da moda que se transforma rapidamente em um lema, uma encantação mágica, uma senha capaz de abrir as portas de todos os mistérios presentes e futuros. Para alguns, globalização é o que devemos fazer se quisermos ser felizes; para outros, é a causa da nossa infelicidade. Para todos, porém, globalização é o destino irremediável do mundo, um processo irreversível; é também um processo que nos afeta a todos na mesma medida e da mesma maneira. Estamos todos sendo globalizados – e isso significa basicamente o mesmo para todos (BAUMAN, 1999, p. 76).

Percebemos vários aspectos reflexivos presentes na afirmação de Bauman, assim como em todas as suas obras, há mais reflexões do que propriamente respostas prontas para as questões que se apresentam neste mundo globalizante. Tais indagações também estão presentes nas obras de Stuart Hall, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (2003, p. 45) onde o autor reflete: “O que então, está tão poderosamente deslocando as identidades, agora? A resposta é: um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo globalização”.

O objetivo aqui é refletir sobre o que decorre desta globalização, ou seja, quais as mudanças que a globalização provoca para com as identidades e os valores. Ianni (2001), considera que a globalização busca desenraizar as coisas, as gentes e as ideias, *sem prejuízos* – de origens, marcas de nascimento etc –, tal concepção aos poucos predominará no espaço global.

Em divergência, Bauman (1999) apresenta um quadro, de certo modo sombrio sobre as mudanças globalizantes. Conforme ele, estas mudanças levam-nos, invariavelmente, ao movimento, ao erro e até mesmo a mendicância de sentido. Todos nós estamos, a contragosto, por desígnio ou à revelia, em movimento. Estamos em movimento mesmo que fisicamente estejamos imóveis. A mobilidade não é uma opção realista num mundo em permanente mudança, no entanto, os efeitos dessa



nova condição são radicalmente desiguais, uma vez que alguns de nós tornam-se plena e verdadeiramente globais e outros passam a se fixar na sua localidade.

Podemos afirmar ainda, de forma generalizada, que a globalização tende a homogeneizar, colocar fim às barreiras geográficas, enfraquecer as tradições e inserir os diversos espaços dentro de um único sistema econômico, isso não quer dizer que as pesquisas sociológicas devam seguir o mesmo caminho. Os estudos em torno da globalização e seus efeitos tendem a chegar num denominador comum, mas não são verdades, jamais, absolutas.

Assim, passamos para a análise da construção da identidade neste mundo global, homogeneizado. Para Giddens (2002, p. 89), “[...] em condições de modernidade, uma quantidade cada vez maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais globalizadas, organizam os aspectos da vida cotidiana”.

Não diferente, o pensamento de Milton Santos (2001, p. 49), reitera que “[...] o consumismo e [a] competitividade levam ao emagrecimento moral e intelectual da pessoa, à redução da personalidade e da visão de mundo, convidando, também, a esquecer a oposição fundamental entre a figura do consumismo e a figura do cidadão”. Percebemos assim, as diversas faces que a globalização possui e lança aos indivíduos, para que estes, como mencionado por Heidegger, estão jogados no mundo e precisam se constituir. Para Ianni (2003, p. 272), “nesse mundo globalizado [...] o indivíduo se mutila, se reduz, fragmenta, apaga, anula. Transforma-se em títere, autômato, zumbi”. Poderíamos acrescentar, permanece solitário no (neste) mundo de espectadores.

Portanto, a globalização, a homogeneização cultural e o esfacelamento das diferenças em prol de um mundo globalizado parecem não estar sendo notadas, ou, pelo menos, tem um sentido totalmente adverso daquele sentido atribuído ao mundo pelas gerações passadas.

Os indivíduos estão abrindo-se cada vez mais a favor das redes e dos infinitos espaços propostos pela globalização e seus meios de comunicação, das aventuras, dos mistérios e das infinitas possibilidades de libertação das amarras comunais que aprenderam a ignorar desde a tenra idade pelos discursos de sofrimento nostálgico



dos seus pais e avós, em favor das milhares de possibilidades felizes expostas pelas mídias ou ainda pela internet.

Se, de um lado, a globalização tenta afundar os trabalhadores em suas cidades, acorrentando-os às batidas do relógio, dos dias e dos meses, ao salário mensal, ao plano de metas, da TV à cabo, da internet etc, por outro, promete a possibilidade de alforria, de liberdade, de cosmopolitismo e da felicidade sem fim dos comerciais de celular.

Esta constatação está presente em Bauman (1999, p. 8), onde o autor considera que:

Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social. Os desconfortos da existência localizada compõem-se do fato de que, com os espaços públicos removidos para além do alcance da vida localizada, as localidades estão dependentes de ações que dão e interpretam sentidos, ações que elas não controlam.

Por isso, a constituição de identidade, de discussões, de espaços públicos se reinventam continuamente, por exemplo, a Ágora atual é o *Facebook*, o *Whatsapp*, o *Twitter* entre outras redes sociais, que por sinal, surgem todo dia, tornam-se elementos aglutinadores das massas, que, salvo alguns breves momentos, parecem não ter grandes pretensões transformadoras. Conforme Balandier (1997, p. 224), “Há mecanismos de controle na sociedade aberta, semelhantes a um animal numa reserva. Carregamos inúmeras coleiras eletrônicas”, não obstante vigiados/controlados por 24h.

Do mesmo modo, para Rorty (2005), estamos correndo o perigo de ficar com apenas dois grupos sociais genuinamente globais e internacionais: os super-ricos e os intelectuais, ou seja, as pessoas que participam de conferências internacionais dedicadas a avaliar os danos causados por seus colegas cosmopolitas super-ricos. Bauman (2008, p. 190), por sua vez, acrescenta um terceiro ‘grupo social’ à lista dos cosmopolitas, abrangendo traficantes de drogas, terroristas e outros criminosos.

Percebemos assim, que

Nosso mundo, e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização [...] a revolução da tecnologia da informação e a reestruturação do capitalismo introduziram uma nova forma de sociedade, a sociedade em rede. Essa sociedade é caracterizada pela globalização das atividades econômicas decisivas do ponto de vista estratégico; por sua forma de organização em redes; pela flexibilidade e instabilidade do emprego e a individualização da mão de obra. Por uma cultura de virtualidade real construída a partir de um sistema de mídia onipresente, interligado e



altamente diversificado. E pela transformação das bases materiais da vida mediante a criação de fluxos e de um tempo intemporal como expressões das atividades e elites dominantes. Essa nova forma de organização social, dentro de sua globalidade que penetra em todos os níveis da sociedade, está sendo difundida em todo mundo, do mesmo modo que o capitalismo industrial disseminado no século XX, abalando instituições, transformando culturas, criando riqueza e induzindo a pobreza, incitando a ganância a inovação e a esperança, e ao mesmo tempo impondo o rigor e instilando o desespero. Admirável ou não, trata-se na verdade de um mundo novo (CASTELLS, 1999, p. 17).

Essa reflexão, parece-nos, como uma profecia. É esclarecedora e ao mesmo tempo nos faz pensar se realmente estaremos fadados aos interesses e aos desejos econômicos das grandes corporações, se é possível resistir e se a escolha não estará fadada, ela mesma, a limites disponíveis de antemão, dando a falsa ideia de escolha democrática.

Em resumo, a globalização tende a firma-se desse modo, de forma verticalizadora, transformadora, impositiva e viscosa. As transformações se mostram lentas aos olhos desatentos, no entanto, olhando com mais atenção é possível ver mudanças significativas na constituição da identidade, nas relações de consumo, nas relações sociais, nos modelos de vida, em relação ao trabalho e ao uso do tempo livre, além de ver nua e friamente as mesmas práticas, as mesmas queixas, os mesmos produtos, os mesmos modelos de consumo, de falar e relacionar em toda parte, salvo exceções que tendem a se rarefazer deveras.

Assim, Bauman (2009) reitera que o desafio da manipulação líquido moderna do reprocessamento e reciclagem da identidade são semelhantes às de um malabarista, ou, mais exatamente à engenhosidade e destreza de um prestidigitador. Resta aos indivíduos destituídos de sua identidade comunitária, proveniente da tradição, da autoridade dos adultos, buscar uma saída a fim de constituir a identidade própria, geralmente, movidos pelo consumismo, homogeneização, indústria cultural e dos meios de comunicação em massa.

Ademais, segundo Stuart Hall (2003), o indivíduo está se tornando fragmentado, composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas, onde o tempo para reflexão está cada vez menos, quem sabe, inexistente. Nesse sentido, podemos considerar outro aspecto contundente que aparece com a globalização, ou seja, a destradicionalização. Diante da globalização, a tradição tende a cair em desuso, ou passar a significar outra coisa,



essa “outra coisa” não refere-se mais àquilo que foi denominado pelos estudos culturais. Podemos considerá-la pela efemeridade, utilitarismo, pragmatismo, desapego histórico e sem necessidade de perpetuar.

Cabe ressaltar que nem tudo que está localizado no passado é considerado tradição. Só podemos passar para frente aquilo que vale a pena ser lembrado, aquilo que não se quer perder, que constitui uma memória e que tão preciso que é não se pode relegar ao esquecimento. Assim, a tradição pressupõe um olhar voltado ao passado, um olhar seletivo, que discerne aquilo que se deseja preservar daquilo que será esquecido. Por isso, a tradição é algo que nós (com)partilhamos com aqueles que viveram no mesmo lugar que nós, mas em outro tempo, não obstante, a tradição é fundamental para que exista um “nós” e não apenas um grupo de “eus”.

Nesta nova lógica, Hobsbawn (2008) afirma que as tradições são invenções modernas e que estas buscam a constituição de identidades fortes, consideramos que hodiernamente, a globalização transforma as identidades fortes em identidades fracas, prezando pela fragilidade, pelas marcas, objetos, modelos e estilos de vida. Pois, uma das características da globalização “[...] é a compressão espaço-tempo, a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distância”.

Desse modo, a identidade se torna mero repertório de práticas já atrasadas e pitorescas. Ela serve para matar uma saudade, ou nos fazer lembrar de nossa “velha infância”, torna-se objeto de venda, objeto de consumo/descarte na nostalgia. Por isso, “sem dúvida, as novas gerações vivem [...] valores hedonistas” (MAFFESOLI, 2006, p. 156) por excelência, tornando os indivíduos, indivíduos de consumo, de relações distantes, virtuais, de estilos de vida, gerações do espetáculo, do presentismo, destarte, estamos segundo Touraine (1997), na era das culturas maleáveis de identificações.

Logo, faz-nos crer que possuímos realmente uma identidade, quando na verdade, o que temos é uma foto-cópia³ do que se é vendido como tal, transformando-se em uma cópia altamente descartável, degradável. Assim, não passa o tipo de

³ Referimo-nos ao mundo-cópia de Lipovetsky (2011).



identidade que se confecciona hodiernamente de uma identidade ilusória, não sendo nada mais do que produto e objeto do mercado de estilo globalizante? Para Kaufmann (2004, p. 28), “a vida transforma-se em doença identitária crônica”.

Graças a globalização, os problemas culturais, sociais e econômicos influem na construção da identidade. Influem, pois, concomitantemente com as transformações globais, há uma rarefação das relações tanto comunitárias, sociais quanto individuais nos processos de subjetivação e de constituição da personalidade (SILVA JUNIOR, 2015) baseado no que Artaud (1982) chama de eu interior.

Ademais, a maleabilidade da cultura juvenil nesses tempos de liquidez dificulta conclusões prévias, concretas e válidas, pois, “as habilidades exigidas para enfrentar o desafio da manipulação líquido moderna do reprocessamento e reciclagem da identidade são semelhantes às de um malabarista, ou, mais exatamente à engenhosidade e destreza de um prestidigitador” (BAUMAN, 2009, p. 22).

Em suma, na constituição das identificações juvenis, presenciamos a presença maciça e desenfreada da indústria cultural, buscando desorganizar, descaracterizar, fragmentar e vender a identidade juvenil. Por isso, concordamos com a afirmação de Singly (2003, p. 110), grande pensador sobre a identidade hodierna

A pertença não é suprimida na sociedade moderna; é transformada, idealmente, numa pertença escolhida. [...] O indivíduo tem a possibilidade de lançar a âncora, bem como de levantá-la ao longo de seu percurso biográfico. Estabilidade e movimento sucedem-se. Esta alternância possível permite uma renovação eventual de si próprio e sobretudo a sensação de liberdade e, por consequência, um certo domínio da vida.

Nesse contexto, o indivíduo é livre para lançar suas âncoras quando o modelo específico lhe parecer agradável, constituindo-se em um coletor de sensações e prazeres, uma vez que, caso o modelo não lhe interessar mais, ele poderá levantar âncora e zarpar para outros portos identitários. Ademais, as atuais gerações estão aí, mas os núcleos irradiadores de identificações possíveis estão muito distantes, desse modo, “o sujeito está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas e que o tempo para reflexão está cada vez menos, senão inexistente” (HALL, 2003, p. 15), por isso, pode, a qualquer momento lançar e levantar âncoras.

Por este fato, em *Vida em Fragmentos* (2011), Bauman considera que os indivíduos são no mundo líquido moderno, por essência, coletores de inúmeras



sensações, relacionadas ao consumo. Consumo este que é o maior influenciador nas transformações identitárias, contudo, segundo Castells (1999, p. 23): “não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece”, eis a grande indagação de nosso tempo.

Temos várias pistas do por que e por quem tais transformações identitárias ocorrem no mundo contemporâneo. Basta atentarmos para os programas de TV, as redes sociais, mídias etc, onde o incomum passa a ser comum e o patológico passa a ser normal. Em Baudrillard (2008, p. 124), encontramos acusações a tais anomalias:

Já vimos que a hipocrisia patética das comunicações de massa, exalta com todos os sinais da catástrofe [...] a quietude da vida cotidiana. Semelhante renúncia patética dos sinais pode ler-se em toda parte. Exaltação dos extraordinariamente jovens e dos provectoros da idade, emoção coletiva perante casamentos de sangue azul, hino dos *mass media* ao corpo e à sexualidade – assiste-se em toda parte à desagregação histórica de certas estruturas que, sob o signo do consumo, festejam de alguma maneira e simultaneamente o seu desaparecimento real e sua ressurreição caratural. A família está a dissolver-se? Então, exalta-se. As crianças deixaram de o ser? Sacralizaram-se, portanto, a infância. Os velhos encontram-se sós, fora da circulação? Promove-se o enternecimento pela velhice.

Assim, encontramos com Baudrillard nos *media* indícios da fragmentação identitária dos indivíduos. Na era do consumismo, a quantidade de produtos oferecidos, a quantidade de possibilidades do mundo tecnológico e virtual são os maiores influenciadores contemporâneos, uma vez que gostar e desgostar se tornou ferramenta imprescindível para permanecer vivo na concorrência identitária.

Portanto, conclui-se que a identidade não se constrói, mas se compra. Ter identidades está cada vez mais parecido com alguém que está indo à um supermercado com várias ofertas e promoções; quem puder comprar mais e expor mais aquilo que comprou sempre estará na frente dos demais – são consumidores de sensações, marcas, estilos, entre outros adjetivos.

E, assim, o corpo se torna também um veículo de divulgação de identidade(s), o corpo-identidade é um objeto da experiência identitária por excelência. Basta pensar nas tatuagens, *piercings*, estilos de cabelo, unhas das mais diversas cores, brincos, entre outras infinidades de objetos que se pode usar e descartar, porém, sem jamais poder reciclar, os indivíduos/corpos tornaram-se/transformaram-se em mercadorias. Para Touraine (1997, p. 164), o corpo “[...] não é uma adição de pernas, de um rosto



de um peito, é um conjunto [...]. Olhe os anúncios: a atenção é fixada numa mão, nuns seios, numa cabeça, de maneira fetichista”. Por isso, essa juventude deve ser (é) vista de outro modo, com outras lentes, uma vez que difere da juventude passada, hoje, as preocupações a médio e a longo prazo não fazem mais parte do seu cotidiano/dicionário.

Não obstante, a distância que se cria em relação às gerações passadas é enorme, corta-se os vínculos/elos da criação e gerações passadas, buscando lançar âncoras em outros lugares, em solos frágeis, o que faz com que a juventude passe a viver momentos existenciais diferentes das gerações passadas, quando a preocupação com o reconhecer-a-si e um fazer-se reconhecer era muito mais nítido.

Com a globalização, os meios de comunicação de massa, a internet, o consumo, os estilos, as marcas, as amizades totalmente *on-lines*, contribuem para que esse “eu” identitário multifacetado aumente. O que colabora com a fragmentação e homogeneização do indivíduo que se encontra sitiado em todos lugares, o mundo passa a “ligar-se” de uma forma surpreendente e esmagadora, entretanto, estar ligado não significa estar unido e seguro. Não há mais uma memória enraizada em tradições nacionais, regionais ou locais, mas há traços e reconhecimentos em estilos de vidas universais, estilos estes com características de obsolescência programada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como percebemos ao longo da pesquisa, o consumo é o maior influenciador nas transformações da identidade dos indivíduos contemporâneos. A identidade como vimos constitui-se, entretanto, a principal questão é: como, a partir de quê, por quem e para quê ela se constitui de tal modo?

Ademais, com a globalização e a crescente fragmentação e homogeneização identitária, podemos afirmar que a identidade não se constrói, ela se compra. Não compramos apenas alimentos, mas estilos de vida, produtos “culturais”, emoções, imagens etc. Mesmo que o processo de produção e consumo seja cada vez mais exacerbado, a exigência imperiosa que lhe é inerente continua a mesma, ou seja, o suprimento das carências vitais, sejam elas biológicas ou não. Por isso, “a sociedade de consumo tem como base de suas alegações a promessa de satisfazer os desejos



humanos em um grau que nenhuma sociedade do passado pode alcançar, ou mesmo sonhar” (BAUMAN, 2008, p. 55).

Poucos indivíduos acenam para uma resistência ou retraimento em relação a sua constituição, ou melhor, sua individuação. Ainda não chegamos ao ponto de colocarmos robôs para nos substituir na vida cotidiana, entretanto, já temos a possibilidade de constituir diversos “eus” para viver em sociedade, coincidentemente ou não a quantidade de antidepressivos consumidos pelos seres humanos nos últimos tempos só tem aumentado com o processo de fragmentação do eu, isto é, da identidade.

Assim, resta-nos ressignificar o passado, para que este sirva de suporte no processo de constituição das futuras gerações enquanto sujeitos. Para isso, necessitamos recorrer a escola e a socialização primária (família), a fim de rearticular o valor imprescindível na formação e amadurecimento destes. Além de compreender a possibilidade de, através destes âmbitos, articular de modo saudável e seguro os elementos da globalização, consumo, tecnologia, enfim configurar uma identidade que traga consigo a tradição, o elo que deve ser passado de geração em geração e, não deixa-lo esquecido no tempo presente, pois, necessitamos de um “nós” para sobreviver, isto é, precisamos de uma pertença a um determinado lugar e a uma determinada comunidade, para não sair lançando âncoras em qualquer lugar, pois, somente a existência de um “nós” constitui a existência de um mundo comum.

REFERÊNCIAS

ARTAUD, Gerard. *Conhecer-se a si mesmo: crise de identidade do Adulto*. São Paulo: Paulinas, 1982.

BALANDIER, Georges. *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. *A Arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.



- _____. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOBBSBAWN, Eric J. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- KAUFMANN, Jean-Claude. *A invenção de si: uma teoria da identidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.
- IANNI, Ocatávio. *A sociedade global*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001.
- _____. *Os enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- RORTY, Richard. *Verdade e progresso*. Barueri (SP): Manole, 2005.
- SANTOS, Milton. *Por outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- SILVA JUNIOR, Edinaldo E. *Identidade e juventude: a educação e seus desafios em tempos de globalização*. 1. ed. Curitiba (PR) CRV, 2015.
- SINGLY, François de. *Uns com os outros: quando o individualismo cria laços*. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.
- TOURAINÉ, Alain. *Iguais e diferentes: poderemos viver juntos?* Lisboa: Instituto Piaget, 1997.